

A Divulgação Científica do Museu Nacional: o prosseguimento de atividades após o incêndio de 2018

Júlia Beatriz Andrade Silveira¹

Marcelo Borges Rocha²

Resumo: Com o passar dos anos, o crescimento dos centros de ciências e museus tem sido correlacionado ao avanço da Divulgação Científica (DC). Um museu precisa estruturar suas atividades de forma que o público se interesse pelos assuntos, criando assim, ações, eventos e projetos dinâmicos. O Museu Nacional (MN), desde 1818, é uma das principais instituições não formais que conta com um dos maiores acervos históricos e biológicos do mundo. Em 2018, um incêndio devastou o palácio e grande parte das suas coleções foi perdida. O presente estudo analisou através de pesquisa documental, como as atividades de DC realizadas pela Seção de Assistência ao Ensino e a Coordenadoria de Extensão, setores responsáveis por grande parte das atividades do MN, prosseguiram após a tragédia. Foram examinadas 41 atividades documentadas por estes setores. Como resultado, observou-se que muitas atividades permaneceram, novas surgiram e algumas se expandiram. Entretanto, a perda do palácio ocasionou algumas alterações na estruturação da instituição e exclusão de práticas fundamentais para a divulgação do conhecimento científico.

Palavras chave: divulgação científica, Museu Nacional, pesquisa documental, espaço não-formal.

1 Mestrando do Curso de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, julia__beatriz@hotmail.com;

2 Doutor em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro; Docente do Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, rochamarcelo36@yahoo.com.br;

Introdução

Existe uma opinião consensual em relação à necessidade de se elaborar políticas e estratégias pedagógicas que efetivamente incorporem a compreensão do conhecimento científico, por meio de experiências fora da escola (FALK; DIERKING, 2002; FENSHAM, 1999). Todavia, estudos relataram o fato de o movimento da divulgação do conhecimento científico ter ampliado e se diversificado nos últimos anos no Brasil, com o aumento do número de museus e centros de ciências, denominados espaços não formais (MOREIRA; MASSARANI, 2002).

A educação não-formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação holística do cidadão. Entretanto, a educação formal estaria voltada ao ambiente escolar, enquanto a não-formal se daria em ambientes fora da escola, como museus e zoológicos (GOHN, 2006). Na educação não-formal há possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos, como discursar sobre diferenças culturais, diversidade, fatos históricos descobertos, pesquisas das ciências sociais, humanas e da natureza. Isso é devido a forma e aos espaços onde se desenvolvem suas práticas, retratando-se assim, a divulgação e o ensino da Ciência produzida e existente no mundo com suas aplicabilidades.

Os espaços referem-se aos ambientes onde essa educação acontece. No caso dos espaços formais, são os que seguem padrões e normas, enquanto os não-formais não são normatizados, sendo a aprendizagem dada de forma coletiva e em locais variados, mais passíveis de uma interação entre os envolvidos e capazes de gerar novos conhecimentos acerca de um determinado assunto. Com isso, se permite uma maior flexibilidade na metodologia e na seleção dos conteúdos a serem ministrados, visto que nos espaços formais há uma pré-determinação do que ensinar e quando ensinar devido a existência de um currículo, muitas vezes compartimentalizado.

Um museu de ciências, a exemplo de um espaço não formal, precisa estruturar suas atividades de forma que o público possa se interessar pelos assuntos tratados logo na primeira visita, uma vez que não há como prever quando os visitantes retornarão ao espaço (JACOBUCCI, 2008). Assim, é necessário a utilização de vários recursos, estratégias e técnicas expositivas para divulgar a ciência e estabelecer uma relação entre a exposição e o visitante.

Nesse sentido, Bueno (1995, p. 1421) define Divulgação Científica (DC) como " um processo de recodificação, isto é, a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com objetivo de

tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência”. Portanto, a DC funciona como a tradução de uma pesquisa feita em linguagem científica em uma linguagem mais acessível para uma pessoa leiga, visando uma sociedade mais informada.

Sabe-se que a linguagem científica é muito presente nos museus, e isso pode se tornar um obstáculo para o público em geral que não tem acesso a esse tipo de informação. Dessa forma, um dos diferenciais da DC realizada em espaços museais, é a presença de mediadores durante a exposição e/ou atividade realizada. Vale ressaltar que estes espaços não foram pensados para substituir as atividades educacionais que são desenvolvidas na escola, mas podem contribuir para sua complementação, contextualização e problematização (SILVA, 2006).

Em 1818, D. João VI criou o primeiro museu do país, o Museu Nacional (MN), que inicialmente localizava-se no Campo de Santana no Rio de Janeiro. No entanto, a partir de 1892 passou a ser sediado no Paço de São Cristóvão onde se localiza até os tempos atuais. O MN é tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo o maior museu de história natural e antropológica da América Latina. Por se tratar de um museu repleto de conteúdos e espécimes científicos, culturais e históricos, recebia visitas escolares durante todo o ano.

Além de um rico acervo mineralógico, etnográfico, zoológico e botânico que existia desde 1822, direções como a de Ladislau Netto (1874-1893) e Roquette-Pinto (1905-1935) se resumiram basicamente pela dedicação à função educativa do museu e acesso ao conhecimento pela sociedade. A exemplo disto, em 1874 o museu implementou um sistema de palestras públicas e de cursos livres, a fim de contribuir para a progressão do acesso ao conhecimento, em uma época sem universidades no país.

Entretanto, em 2 de setembro de 2018, no ano dos seus 200 anos, um incêndio devastador destruiu todo o Palácio onde a Família Real viveu durante anos. Pesquisas, laboratórios, coleções com espécimes raros, artefatos milenários de cultura e história, tudo isso foi queimado na tragédia que comoveu o Brasil. Desde então, se pensa na reestruturação do MN na ausência do palácio e de grande parte do acervo. Daí podemos questionar: Como prosseguir com seu papel de um dos mais importantes espaços não formais de divulgação de ciência do mundo?

Isto posto, o MN, primeiro museu em divulgar a Ciência no país, é o tema desse estudo, que focou na DC promovida por essa entidade nacional, especificamente após o incêndio de 2018. Portanto, o presente estudo teve como objetivo fazer uma análise documental das atividades de DC

realizadas por dois importantes setores do MN: A Seção de Assistência ao Ensino e Coordenadoria de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), setores responsáveis por maior parte das atividades. Com estes dados torna-se possível analisar o prosseguimento dessas ações, a ocorrência após o incêndio e quais alterações ocorreram em decorrência da perda do palácio e das coleções científicas.

Metodologia

A fim de coletar informações que representem o MN e sua ação Divulgadora e Formadora da Ciência, esse estudo foi realizado através de uma Pesquisa Documental (PD). A PD trabalha com documentos que transmitem credibilidade e representatividade (SÁ SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). Esses documentos são classificados como materiais que não receberam ainda nenhum tratamento científico, podendo ser de tipos variados como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotos, entre outros (OLIVEIRA, 2007). Todo o material é devidamente construído pela instituição ou um indivíduo responsável, apresentando uma riqueza de informações e credibilidade. Assim, podemos dizer que esse tipo de pesquisa é vantajoso por se tratar de uma fonte estável de dados, sem a premissa de contato constante com os sujeitos da pesquisa e sem custo monetário.

A PD é utilizada geralmente na área da história, através de documentos históricos, iconográficos e patrimoniais (CECHINEL *et al*, 2016). No entanto, dentro do campo educacional também é de grande utilidade e frequente, sendo o mais adequado no percurso metodológico desse estudo. A análise pode variar conforme as necessidades da área e do pesquisador. Ela consiste na visualização dos elementos que constituem o problema da pesquisa e a pergunta norteadora do estudo, sendo necessário a avaliação do contexto, da natureza do texto e dos interesses contidos no documento (CELLARD, 2008).

Seguindo assim, para averiguar especificamente o prosseguimento das atividades de DC do MN, foram coletados documentos de dois setores do MN: a Seção de Assistência ao Ensino (SAE) e a Coordenadoria de Extensão (CE). Na UFRJ, responsável pelo MN, as ações de extensão podem ser desenvolvidas por qualquer servidor (a) que possua nível superior, seja técnico-administrativo em educação (mesmo que seu cargo na instituição não seja de nível superior), ou seja servidor docente. Na SAE, uma equipe de

técnicos em assuntos educacionais e auxiliares administrativos constituem a seção.

A partir dos dados dos documentos, a PD consistiu na análise dos seguintes tópicos: 1. atividades que aconteciam antes do incêndio e prosseguiram após o incêndio; 2. atividades que existiam antes do incêndio e não prosseguiram após o incêndio; 3. atividades criadas após o incêndio e seguiram durante o ano de 2019.

Resultados e Discussão

As atividades documentadas da CE são todas as ações de extensão que envolvem o MN e a UFRJ e, não necessariamente desenvolvidas apenas pela CE. Na análise do documento, foi possível perceber que essas ações são desenvolvidas em quatro modalidades: Programas, Projetos, Cursos e Eventos. Além disso, precisam obrigatoriamente serem atividades gratuitas e atenderem principalmente o público externo da instituição. Ao total, 27 ações de extensão de DC do MN no período do segundo semestre de 2017 até final de 2019 foram datadas no documento feito pela coordenadoria.

As atividades da SAE, são todas aquelas que prestam assistência ao ensino de ciências naturais e antropológicas a estabelecimentos de ensino, professores e alunos. De acordo com a análise documental realizada, essas atividades podem estar relacionadas a cursos, palestras, exposições, oficinas e campanhas. Ao total, 17 atividades de DC realizadas pela SAE no período do primeiro semestre de 2018 até o final de 2019, foram datadas no documento feito pela seção.

Na leitura dos documentos, notou-se que três atividades analisadas estavam nos documentos de ambos os setores, pois eram ações organizadas em conjunto (CE + SAE), totalizando assim 41 atividades. Seguindo os três tópicos de análise, as atividades foram separadas com distinção entre os setores.

No primeiro resultado da CE, sobre o tópico 1, obteve-se dez ações. Não distante disso, sete atividades da SAE constituem seu primeiro resultado.

É relevante ressaltar que o prosseguimento dessas atividades não significa que as mesmas não sofreram modificações consequentes do incêndio, pelo contrário, ambos os setores relataram em seus documentos alterações em suas atividades após a tragédia. No caso da CE, muito das mudanças vieram em razão a perda do acervo que seria utilizado em suas atividades. No entanto, não foi possível saber, através do documento, quais atividades desse setor especificamente sofreram tais adaptações. Com a

SAE, algumas modificações nas sete atividades puderam ser visualizadas do documento. O “Empréstimo da Coleção Didática”, que é uma das principais atividades realizadas pela SAE, emprestando espécimes da Coleção do MN para atividades didáticas, precisou fazer alterações após o incêndio quanto ao número de lotes a emprestar, reduzindo de 40 para até 20 unidades. Os professores da instituição, que solicitam o empréstimo, não podem mais escolher qual lote levar, apenas podem escolher as classes taxonômicas que gostariam. Os pedidos de empréstimo agora são exclusivamente realizados pelo blog e e-mail da SAE, não podendo mais solicitar pessoalmente. Outro exemplo, são os Projetos como “Clube de Jovens Cientistas” (CE+SAE) e “Entre Museus”, que utilizavam o palácio e as exposições em suas respectivas atividades, sendo assim, sofreram adaptações com a ampliação das visitas a outros espaços da Quinta da Boa Vista e outros espaços culturais da cidade.

Na análise do tópico 2, a CE destacou que nenhuma ação foi interrompida em razão do incêndio mesmo diante de todas as dificuldades de execução, pelo o contrário, dois cursos de extensão que aconteceram após o incêndio e no mesmo mês, decidiram ampliar o número de participantes a fim de atingir mais pessoas quanto a importância da instituição. Entretanto, três atividades se inserem do estudo do tópico 2 da CE devido ao não prosseguimento após o incêndio, podendo possuir outros motivos dessa exclusão. Uma delas é o projeto “A ciência dá samba: ações extensionistas do Museu Nacional com a comunidade da Imperatriz Leopoldinense”, escola a qual anunciou no carnaval de 2018 o samba-enredo sobre os 200 anos do MN. Dessa forma, não haveria motivo para seguimento no ano seguinte pois o envolvimento com a escola de samba foi consequência do tema escolhido naquele ano de 2018. Porém esse tipo de atividade colhe bons frutos nas duas vias participantes: o MN e a sociedade. Quando o MN também foi tema de samba-enredo da Escola de Samba Arrastão de Cascadura no carnaval 2008, também aconteceram atividades com a comunidade da escola. R. Dantas (2008) comenta alguns produtos dessa união:

“O Museu Nacional conseguiu vencer o desafio de popularizar as ciências através de ações consonantes com os anseios e a linguagem da sociedade. Sua participação no desfile da Intendente Magalhães representou a possibilidade de vivenciarmos uma perfeita e enriquecedora integração de uma instituição de pesquisa com uma região carente e popular do subúrbio carioca”. (p. 139)

As outras duas “Escolas na Trilha: Visitando o Horto Botânico do Museu Nacional” e “Meteoritos e Vulcões”, ambas frequentes nos últimos anos do MN, não prosseguiram após a tragédia. As duas atividades já possuíam a decisão de suspensão pela equipe responsável antes do incêndio acontecer, já que eram ações com realização provisória.

No tópico 2 o resultado foi diferente para a SAE. Cinco atividades foram interrompidas devido ao incêndio, e não voltaram a acontecer. Em exemplo, dois projetos “O Museu e o Parque” e “Manhãs no parque” foram excluídas pois a atividade principal desses projetos era o passeio ao ar livre, com visita ao Museu Nacional e seu entorno, fazendo correlações históricas e ambientais. Estudos como o de Piaget (1994) já explicitava que a educação por meio de vivências práticas, táteis e visuais, forma uma experiência mais concreta que desperta maior interesse em alunos do que a experiência que surge longe de sua verdadeira realidade. Tanner (1978) também fala das atividades práticas, especificamente as realizadas ao ar livre:

“Os programas ao ar livre bem conduzidos são provavelmente mais necessários do que nunca, considerando-se uma população na qual cada quatro entre cinco pessoas tem sua vida diária geograficamente isolada das grandes extensões abertas.” (p. 90)

Dessa forma, a exclusão dessas atividades é um fator contraproducente para a DC e para a população, sendo mais uma das consequências negativas do incêndio. Outras atividades que foram extintas após setembro de 2018 por um motivo em comum, foram o “Curso de Formação de Mediadores em Museus” e “Mediações nos espaços expositivos do Palácio do Paço Imperial”. Estas dependiam das exposições que ocorriam exclusivamente no palácio e atualmente, devido ausência do mesmo, são distribuídas pela cidade do Rio onde a maioria dos espaços expositivos possuem sua equipe própria de mediadores. Marandino et al. (2003) destacam a importância não só da mediação, como também no investimento do museu na formação dos profissionais que desenvolvem ações voltadas para o público, principalmente quando o assunto é a mediação nas exposições. Os autores destacam que possivelmente a mediação humana seja a melhor forma para alcançar um aprendizado mais próximo do conhecimento científico apresentado e que “são os objetivos da exposição que definem as formas de mediação com o público” (MARANDINO *et al.*, 2003, p.12).

Em contrapartida, no tópico 3, 14 ações de extensão da CE foram criadas após setembro de 2018. Todas essas atividades estão diretamente

ligadas a reestruturação do Museu como Divulgador da Ciência. Entre elas, três chamam atenção devido ao título em comum: o evento “Festival Museu Nacional Vive” e os projetos “Museu Nacional Vive” e “Museu Nacional Vive nas Escolas” (CE + SAE). A primeira se trata do primeiro evento a ocorrer após o incêndio, realizado pela primeira vez no fim de setembro, onde membros da instituição levaram atividades, materiais e coleções científicas resgatadas para o público em stands localizados em frente ao palácio. Esse evento aconteceu mais três vezes durante 2019.

A segunda se trata de um projeto da CE em parceria com a Seção de Museologia e o Núcleo de Comunicação e Eventos, onde eram desenvolvidas ações em conjunto com a sociedade, por exemplo, duas exposições foram realizadas na comunidade da Nova Holanda no bairro Maré no Rio de Janeiro em parceria com uma escola estadual da região. Outras escolas da região visitaram as exposições e conheceram um pouco do projeto, despertando o interesse em participar dessas ações para compartilhar conhecimentos e vivências.

É essencial o desenvolvimento de atividades em lugares de baixa renda que vivem em locais excluídos por boa parte da sociedade. Sobrinho (2010) diz que a privação de recursos econômicos tem relação com a privação dos meios de aquisição de conhecimentos e do acesso à cultura em geral, havendo uma maior necessidade de inclusão das comunidades nas atividades de DC dos espaços não formais. A última é uma atividade mensal, parceria da CE com a SAE, a qual ocorre sorteio de escolas inscritas via internet para receberem a coleção da SAE e seus mediadores a fim de uma aula prática agregadora.

Quatro atividades documentadas pela SAE se encaixaram no tópico 3, sendo uma delas já mencionada acima. Dentre as outras três, “O Museu já foi palácio: encontro com a comunidade” é mais uma das atividades em comum entre os setores, pois mesmo desenvolvida pela SAE conta com alunos da instituição, considerada uma ação de extensão. Ela tem como objetivo manter o MN vivo e em diálogo com seus públicos, apresentando parte da coleção didática, a qual conta com mais de 1800 lotes e não foi afetada pelo incêndio. Assim, são selecionados materiais seguindo diferentes temas abordados fundamentais para a sociedade: alimentação, evolução, biodiversidade marinha e equilíbrio ambiental. Essa atividade ocorria todos os domingos na Quinta da Boa Vista, mas a partir de abril de 2019 passou a ser realizada nos segundos e quartos domingos de cada mês, sem algum motivo explicado.

Outras informações analisadas no documento, discursaram sobre demanda e frequência de participação do público e instituições. Na CE foi ampliado o número de servidores e técnicos para o auxílio e organização de mais atividades. Na SAE, apesar de não haver aumento significativo da equipe, houve crescimento no número de convites para irem às escolas com a coleção. Adicionalmente, devido a divulgação do projeto “Museu Nacional Vive nas Escolas”, teve-se a ampliação desse novo modelo de mediação realizado em escolas públicas e privadas. Os convites para expor nos espaços parceiros também progrediram em relação a exposições do MN em geral, no entanto, não foi possível averiguar porcentagens por não haver dados concretos de antes do incêndio no documento, sendo apenas uma informação comentada pela equipe.

Com a perda de quase 80% do acervo e do Palácio do MN, a reestruturação do museu não é um processo simples e rápido, e sim um processo constante. Não é fácil conduzir uma instituição de tal porte, muito menos quando se perde grande parte dela. Entretanto, o prosseguimento das atividades de DC são fundamentais para a sobrevivência de Centros de Ciências e Museus, principalmente quando se tratava do maior museu de história natural e antropológica da América Latina. Da mesma forma, para a DC continuar atuando em função educacional é necessária a existência desses espaços não formais.

Agradecimentos e apoios

Agradeço imensamente à toda equipe do Museu Nacional, especialmente a Sheila Bôas, Chefe da SAE e a Valéria Pereira, Coordenadora da Extensão. São duas mulheres incríveis que me ajudaram disponibilizando documentos para a minha pesquisa, além de serem pessoas que contribuem e lutam significativamente pelo MN. Agradeço também a CAPES, ao LABDEC e ao meu orientador Marcelo por todo cuidado, persistência e dedicação com meu trabalho.

Referências

BUENO, W. C. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e Cultura**. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. 37, 1995, n. p. 1420-1427.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. "Educação e comunicação em museus de ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática." **Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências.** Rio de Janeiro: Access, 2003, p. 83-106.

CECHINEL, A.; FONTANA, S.A.P.; DELLA, K. G. P.; PEREIRA, A. S.; PRADO, S. S. Estudo/Análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Criar Educação**5, no. 1, 2016.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. **Petrópolis, Vozes**, 2008.

DANTAS, R. M. M. C. Quando um museu dá samba: a popularização do Museu Nacional da UFRJ no Carnaval carioca. **Universidade e lugares de memória.** Rio de Janeiro: WalPrint, 2008, p. 127-144.

FALK, J. & DIERKING, L. D. Lessons Without transforming education. **Altamira Press, California**, Limit – how free-choice learning is 2002.

FENSHAM, P. School science and public understanding of science. **International Journal of Science Education**, v.21, n.7, 1999, p.755-763.

GOHN M.G. Educação Não-Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. **São Paulo: Cortez**. 1999.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, 7. n. 1, 2008.

MOREIRA, I. D. C., & MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil.** Rio de Janeiro: Casa da Ciência–Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, 2002, p. 44-64.

PIAGET, J. O juízo moral na criança. **São Paulo: Summus Editorial**, 1994.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Rev. Bras. de História & Ciências Sociais**. n. 1, p. 1-15, jul., 2009.

SILVA, M. R.; CARNEIRO, M. H. S. Popularização da Ciência: Análise de uma situação não-formal de Ensino. **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**, 16, 2006.

SOBRINHO, J. D. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Educação & Sociedade**, 31, n. 113, 2010, p. 1223-1245.

TANNER, T. R. Educação ambiental. **In Educação ambiental. Summus**, 1978.

OLIVEIRA, M. M. Como fazer pesquisa qualitativa. **Petrópolis, Vozes**, 2007.